

Arquitetura Residencial:

Tempo e espaço

JORGE MARÃO CARNIELO MIGUEL*

Por sermos uma continuação dos que vieram antes de nós, devemos olhar para o passado com o intuito de estudá-lo e nunca com a intenção fixa de imitar o que nele foi feito.

Goethe dizia que "não existe passado que possamos recuperar pela saudade; existe apenas um presente eternamente novo que se constrói e se cria dos elementos do passado, à medida que este se afasta. O verdadeiro desejo de nos devolver o passado deve ser sempre produtivo; deve sempre criar alguma coisa melhor".

Em arquitetura, o resultado da procura, no passado, de uma solução para um problema contemporâneo, é cair no falso, é fugir à verdade, quanto à interpretação do problema, quanto ao método de construção, quanto à expressão contida nas formas adotadas.

Quantas vezes os arquitetos foram buscar no passado a solução de problemas inteiramente novos, sem perceber que esses problemas exigiam uma análise sem preconceitos tradicionais e que não podiam ser adequadamente resolvidos, senão pelo desenvolvimento de formas novas, nascidas dessa mesma análise. Nossas cidades sentem as conseqüências dessa irracional submissão ao pas-

sado. Estamos enraizados nele, mas isto não deve tirar a realidade do presente que vivemos, para que, no futuro, ao sermos analisados, possamos perceber que fomos um resultado do passado, não uma cópia deste.

Anula-se qualquer tentativa de se reproduzir alguma forma anterior, porque seja agradável à vista, sem compreender o quanto é vazia qualquer forma, quando está ausente a sociedade que a sustinha.

Se procurarmos reproduzir um edifício colonial nos dias de hoje, tudo nele será falso e, quanto mais trabalharmos para disfarçar este fato, mais patente ele irá se tornar. Imitando o passado, de modo algum nos assemelhamos a ele; apenas, declaramos o que somos nos dias de hoje, isto é, povo de capacidade reduzida.

O MOVIMENTO CONTEMPORÂNEO NA ARQUITETURA BRASILEIRA

O período, que se iniciou por volta de 1940, tornou-se a fase de mais intensa industrialização e urbanização da história do País. Ocorreu, então, vertiginoso avanço técnico e econômico, acompanhado de profundas transformações sociais. A ele correspondeu também a eclosão do movimento contemporâneo de arquitetura, cujas primeiras manifestações poderiam ser recuadas até à Semana de Arte Moderna, de 1922, em São Paulo, mas cuja

(*) Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo do CESULON.

programação aguardava as oportunidades adequadas à sua expansão.

O movimento contemporâneo teve, como um dos seus maiores divulgadores, o arquiteto Rino Levi que, em 1948, num artigo intitulado "Mudam os Tempos", nos diz que "a tendência, hoje, é fazer da casa cada vez mais um lar e não uma caricatura de palácio, comprimido num terreno exíguo. Procura-se, igualmente, resolver a casa por dentro, fazendo-a humana e na escala do homem".

A residência, nessa época, passou a ser encarada como um espaço abrigado contra as condições climáticas e não contra o homem. Portanto, a residência deveria ter uma organização espacial capaz de valorizar a vida familiar como uma unidade, tendo uma continuidade de espaço que substituísse o antigo excesso de paredes.

O AVANÇO TÉCNICO E A ARQUITETURA

As residências haveriam de lucrar muito com as inovações arquitetônicas, decorrentes do avanço técnico e econômico apresentado nessa época. Teríamos a implantação definitiva do uso da estrutura de concreto, que viria libertar as paredes de alvenaria de sua função de sustentação. Esta estrutura de concreto armado viria, ainda, permitir a exploração ampla das possibilidades de acomodação da residência no terreno, além de fazer vigorar o princípio da "planta livre", que levaria a uma satisfação das exigências de funcionalidade e de composição.

Havia, na época, uma preocupação de ligar a residência com o jardim. Alguns materiais e processos permitiram impermeabilizar o terreno, conseguindo, assim, proteção contra a umidade do solo, evitando o porão e fazendo o piso interno diretamente sobre a terra, no mesmo nível do jardim. De outro lado, não representava problema técnico especial a abertura de grandes vãos. Conseqüentemente, a ligação casa-jardim tornou-se mais íntima, em perfeita interpenetração.

Outra solução que a estrutura de concreto armado permitiu foi a construção de casa elevada, sobre pilotis, fazendo com que o jardim se estendesse por todo o terreno, mesmo na parte coberta.

A casa deveria abrir-se para a natureza, obedecendo a critérios de transparência e leveza. Em vez de grossas paredes, severas e pesadas, utilizava-se vidro, ferro, compensados de madeira, pois, segundo Rino Levi, o objetivo da arquitetura é o "estudo da forma, visando à criação harmônica de ritmos, ordenando volumes, cheios e vazios, jogando com a luz e a cor, dentro de condições funcionais e técnicas".

A MÁQUINA DE MORAR E O ORGANICISMO

A partir de 1950, estendendo-se até hoje, podemos perceber que os arquitetos têm, individualmente, um modo todo particular de encarar os problemas arquitetônicos, mas podemos dizer, seguramente, que todas essas tendências foram frutos de duas escolas: a máquina de morar de Le Corbusier e o organicismo de Franck Lloyd Wright.

Franck Lloyd Wright, arquiteto americano, construía prédios de aspecto característico: tinham as cores dos materiais de que são feitos. A madeira, o tijolo, a pedra, aparecem sempre com as suas cores características, suas texturas, suas próprias qualidades. As casas de Wright abrem-se para os jardins, para a natureza, a fim de realizarem um entrelaçamento com a paisagem, adaptando-se às condições da natureza, que é um dado do problema, ao qual as formas e a vida humana devem se adaptar.

Em fins de 1929, tivemos, entre nós, o arquiteto Le Corbusier, um dos maiores precursores da Arquitetura moderna. Falando de sua estada no Brasil, Mario de Andrade escreve: "as forças renovadoras, como Le Corbusier, deveriam encontrar, entre nós, que somos livres de compromissos com o passado, a máxima floração. Afastemos e afastemo-nos do infecundo passadismo que anda por aí. Acabemos com coloniais, barrocos e luíses dezesseis. Façamos a cidade moderna, máquina para morar. Dominemos o tempo, sejamos criadores para não desaparecer".

O próprio Le Corbusier dizia que a casa é uma máquina destinada a fornecer auxílio eficaz para a rapidez e exatidão do trabalho, diligente para atender às exigências do corpo (conforto) e, também, para facilitar o pensamento. Deve, pois, ser lugar útil à meditação, em que exista beleza e traga ao espírito a calma indispensável. Tudo que se refere aos fins práticos da casa, o engenheiro nos dará, mas o espírito da beleza e da ordem será a missão do arquiteto.

Os materiais empregados por Le Corbusier são essencialmente a expressão da indústria moderna. A cor, a textura, a forma deles devem ter o refinamento, o sentido esbelto de eficiência, de economia de supérfluos, que caracterizam as peças de máquinas, destinadas, como são, a cumprir missões específicas. O homem deve gozar a natureza, porém, uma natureza organizada e controlada, segundo uma ordem pré-estabelecida. Os próprios edifícios são construídos sobre colunas, para que, por baixo deles, possam atravessar vias de comunicação, que afinal são eles que organizam. Le Corbusier propõe uma ordem realizada com o instrumento da sociedade do presente: a técnica. Para

ele, a técnica é a nova ferramenta capaz de resolver todos os problemas do mundo moderno.

Enquanto a natureza de Wright nos evoca o campo, Le Corbusier sugere a cidade com seus problemas de organização, de polficia e de domínio do caos a todo o custo.

O AMADURECIMENTO DA NOVA ARQUITETURA

Vemos, como uma teoria básica para o desenvolvimento dos projetos residenciais, a partir de 1960, uma grande liberdade dentro do lote urbano, onde os espaços fluem e se fundem formando ambientes, sendo as paredes de vidros que evidenciam esta fluidez proposta. Procurando ter um enriquecimento da convivência humana e valorizando os espaços de uso comum.

O progresso da tecnologia da edificação, o aperfeiçoamento da impermeabilização, a resistência cada vez maior do aço, a pré-moldagem ou pré-fabricação de elementos de concreto armado são fatores que permitem aos arquitetos terem esta articulação mais livre do espaço.

Pudemos perceber que uma das maiores causas da evolução do processo de criação dos espaços residenciais foi, sem dúvida alguma, o uso da estrutura de concreto armado. Enquanto, nos projetos do começo do século, tínhamos a ausência deste material, onde, nas casas assobradadas, costumava-se ter paredes sobre paredes ou utilizar-se de vigas de madeira que não possibilitavam grandes vão livres, agora, temos, a partir de 1960, um amadurecimento do uso, onde se procura definir, primeiramente, a parte estrutural, independente das paredes de alvenaria que agora têm a função única de vedar. O concreto surge também como um elemento plástico fundamental, razão pela qual é deixado ao natural, solução que chegou a ser chamada de brutalista.

Vemos, neste período, em vários projetos, o espaço residencial, desenvolvendo-se em torno de um pátio interno, com a clara intenção de conseguir um ambiente de intimidade para a vida social e da família. Como explicação disto, podemos dizer que há uma proposição de se reduzir as áreas privativas, às vezes, restringindo-se ao mínimo para o uso, chegando alguns arquitetos a ter dormitório-cabina e área de serviço bastante compactos. Eliminando-se os espaços desnecessários, a área restante gera um pátio, geralmente, descoberto, em torno do qual o espaço residencial desenvolve-se, sendo este denominado espaço-praça.

Apesar de haver uma simplificação dos programas dos projetos residenciais, com relação aos das décadas anteriores, podemos ver que a residen-

cia torna-se mais complexa, chegando a ter três ou até mesmo quatro níveis, dado o programa estabelecido e a topografia do terreno.

Veremos, agora, as alterações dos esquemas funcionais das moradias, comparando o programa básico das residências do início do século ao programa básico das residências da atualidade:

ESQUEMA BÁSICO-PROJETO DO INÍCIO DO SÉCULO:

Terraço ou varanda, escritório, sala de visita, sala de jantar, quartos, toilette, banho, W.C. ou latrina, cozinha, copa, dispensa.

ESQUEMA BÁSICO-PROJETO DA ATUALIDADE:

Sala de estar, refeições, dormitório, banheiro, cozinha, serviço.

Podemos estabelecer que, com o passar dos anos, os programas residenciais vão sendo simplificados, evitando-se excessos de paredes e procurando a integração de todo o ambiente familiar, resultado de dois fatores básicos: um econômico, pois, à medida que a cidade se desenvolve, os lotes urbanos vão ficando mais onerosos, ao mesmo tempo em que seu custo é bem maior e dado, também, a uma conscientização cada vez maior dos arquitetos, na procura de um espaço ideal para o ser humano, um espaço onde o excesso não tem vez e onde se possa estar, viver e repousar.

A REAL FUNÇÃO DO ARQUITETO

O arquiteto deve ter espírito de pesquisa, de análise e procurar formular respostas adequadas aos problemas novos do nosso tempo. A ele é indispensável a liberdade de ação, que permite examinar todos os problemas, cuja solução tradicional se revela inadequada e que permite recrutar para a solução todas as novas possibilidades técnicas, fornecidas pela indústria dos nossos dias. O arquiteto tem sempre um problema específico para resolver. Nem sempre ele é puramente formal, ou sequer um problema exclusivamente técnico ou econômico. Antes de tudo, é um problema humano.

Não devemos restringir ao arquiteto o trabalho de servir unicamente uma certa parcela da nossa sociedade. Sua tarefa se estende à totalidade dos problemas arquitetônicos do nosso tempo.

O arquiteto não pode se limitar à procura de soluções para programas atraentes ou monumentais, deixando, à margem dos seus esforços, toda a imensidade de construções que se fazem em

toda a parte, pois todas elas se destinam a abrigar pessoas, todas elas capazes de contribuir para o maior bem-estar de nossa gente. Tanto é tarefa do arquiteto exprimir os anseios de um povo, em uma obra pública, quanto levar um trabalhador ao descanso, depois de um dia árduo de trabalho.

Algumas vezes, diz-se que existem obras que pertencem à arquitetura e que outras podem ser relegadas a um segundo plano. Isto é negar o verdadeiro sentido social e humano do arquiteto. O grande mal de nossas cidades é a sua desordem, seu crescimento caótico, sua decadência, sua decomposição em favelas e cortiços; pois, sua tragé-

dia resulta justamente da falta de intervenção do arquiteto, assessorado por outros profissionais, na sua orientação geral e na execução dos seus detalhes.

Devemos salientar que a arquitetura se destina ao homem, plenamente, e não apenas a alguns espectadores privilegiados, que se postam à frente de um edifício para admirá-lo. O projeto arquitetônico tem que ser, antes de tudo, humano. Essa é a condição máxima para que a arquitetura seja verdadeira, isto é, que não represente uma mentira em relação à sua finalidade principal, para que não desminta a intenção humana que deve animar o arquiteto ao elaborar o seu trabalho.